

8 Considerações finais

8.1

Resumo dos resultados

A fim de sintetizar as análises, para uma discussão final, de forma mais visível, apresentamos abaixo um quadro que reúne os resultados das análises. Trata-se do quadro proposto por Ochs e Capps (2001) acerca das possibilidades das dimensões da narrativa, com acréscimo das ocorrências dos dados desta pesquisa. Nas colunas I e III, estão disponibilizadas as possibilidades apresentadas pelas autoras, sendo que a coluna I abarca características de narrativas geradas em entrevistas, como por exemplo, histórias de vida, e a coluna III abarca as características de narrativas conversacionais. Na coluna do meio, propositalmente situada em posição intermediária, encontram-se as ocorrências dos dados desta pesquisa, um resumo bem sucinto das análises, que será discutido logo abaixo.

DIMENSÕES	I POSSIBILIDADES	II OCORRÊNCIA NOS DADOS	III POSSIBILIDADES
<i>Narração</i>	Um narrador ativo	Dois e três co-narradores ativos	Múltiplos co-narra-dores ativos
<i>Historiabilidade</i>	Alta	Alta	Baixa
<i>Encaixe</i>	Isolada	Encaixada e Relativamente Encaixada	Encaixada
<i>Linearidade</i>	Ordem causal e temporal finalizada	Ordem causal e temporal em aberto e Ordem causal temporal finalizada	Ordem causal e temporal em aberto
<i>Postura moral</i>	Determinada, constante	Determinada, constante	Indeterminada, fluida

Tabela 8 – Resumo dos resultados

Conforme mencionado, a alocação dos dados na coluna do meio foi proposital, tendo a finalidade de elucidar o fato de que as narrativas aqui analisadas apresentam um caráter híbrido, situando-se em posição intermediária no *continuum* disposto na tabela, visto que comungam ora das possibilidades da coluna I (o extremo do *continuum* que abriga as narrativas geradas em entrevista), ora das possibilidades da coluna III (o extremo do *continuum* que abriga as narrativas conversacionais) e ora não comungam das possibilidades de nenhuma das duas colunas, apresentando suas particularidades.

Iniciando as discussões com a dimensão *narração*, torna-se extremamente relevante destacar que foi por meio da análise dessa dimensão que pudemos melhor alcançar as particularidades de narrativas contadas por pessoas com afasia. Essa dimensão trouxe à luz as ações colaborativas das interlocutoras, realçando como tais ações eram indispensáveis tanto à construção de narrativas coerentes e inteligíveis, como à própria intersubjetividade da interação/ narração, tendo-se em conta que as narradoras primárias apresentam um comprometimento da linguagem que impõe limitações às suas produções verbais.

Goodwin (1995) demonstra que, em interações com afásicos, quando os interlocutores coordenam seus papéis de participação de forma particular e se atentam para a sequência dos eventos interacionais, eles podem conjuntamente superar as limitações impostas pelo vocabulário repetitivo e severamente reduzido do participante. Nesta pesquisa, foi possível observar a cooperação das interlocutoras por meio de diversas ações. Algumas dessas ações apontavam para as particularidades das narrativas analisadas (i.e. relatos de pessoas com afasia), uma vez que, sequencialmente, sucederam turnos em que o comprometimento da linguagem das participantes interveio desfavoravelmente na construção do turno. São elas: finalização de enunciados, solicitação de clarificação, clarificação de caráter explicativo, verificação de entendimento, solicitação de elaboração e elaboração.

A partir do olhar dos analistas da conversa, essas ações da parte das interlocutoras podem ser concebidas como reparos iniciados ou levados a cabo pelo outro, ora iniciado pelo próprio falante da fonte de problema ora pelo outro (cf. Sacks, Schegloff e Jefferson, 1977). Nesse caso, dado a preferência pelo auto-reparo, podemos sustentar que as interlocutoras, sobretudo Lívia, lançaram-se na realização de reparos da fala das narradoras primárias porque a realização desses

reparos era sobremaneira relevante para a manutenção da intersubjetividade. Conforme anteriormente destacado em um artigo, o reparo pelo outro, uma realização despreferida, torna-se uma ação preferida em interações que envolvem pessoas com afasia, constituindo-se, como acontece em interações adulto-criança, um veículo para a socialização (cf. Oliveira, 2009). Isso justifica a grande ocorrência dessas ações, que são lidas pelos analistas da conversa como reparos, nas narrativas aqui analisadas. Embora não tivéssemos feito uma análise minuciosa das ocorrências de reparo, iluminando os movimentos de iniciação e finalização, o que não é a pretensão desta pesquisa, não há como passar despercebido por essas ações que constroem a singularidade dos dados analisados, já que não é esperada tamanha ocorrência de reparos, interrompendo a linearidade da narração (como veremos a seguir), em narrativas em que os narradores primários não apresentam afasia. Os reparos interrompem a contiguidade da atividade interacional em curso, por provocar a suspensão da atividade para sua realização (cf. Jefferosn, 1987), não sendo tal interrupção uma ação preferida quando os narradores se encontram ativamente engajados em *performances* narrativas, a não ser que os narradores, como acontece nesta pesquisa, reconheçam a significância e relevância dessa interrupção.

Pode-se até argumentar que reparos também se encontram presentes em narrações em que os narradores primários não são pessoas com afasia; no entanto, sustentamos, nesta pesquisa, que os reparos se configuram como particularidades das narrativas aqui analisadas, uma vez que os turnos que antecedem essas ações são construídos por meio de enunciados incompletos, ininteligíveis ou com problemas de estruturação, ou são finalizados por prolongamentos de vogais, que, por sua vez, neste caso, sinalizam dificuldade de encontrar palavras. Nesse sentido, está sendo tornando relevante o contexto sequencial nas análises, de modo que podemos assim interpretar os reparos, isto é, podemos advogar que, embora os reparos não sejam ações típicas de narrativas de pessoas com afasia, no contexto sequencial aqui referido (antecedidas por enunciados com problemas de entendimento, que revelam dificuldades linguísticas), consistem em particularidades das narrativas desta pesquisa – narrativas cujas narradoras primárias são pessoas com afasia. Assim sendo, podemos argumentar que não só as ações (os reparos), mas os pares adjacentes (Primeira Parte do Par – PPP – e Segunda Parte do Par – SPP) que compõem essas ações – turno de narração

compostos por enunciados problemáticos (PPP) + turno de solução de problemas (SPP) – constituem-se particularidades das narrativas sob análise.

Ainda acerca da dimensão *narração*, cabe iluminar que as narrativas de Laura e Carla foram as que mais careceram da atuação cooperativa do outro em sua co-construção, ao passo que a narrativa de Tereza foi a que menos necessitou do outro para sua construção. Não obstante se a narração envolveu um ou múltiplos narradores (cf. Ochs e Capps, 2001), as ações das co-narradoras se fizeram presentes, relevantes e indispensáveis nas narrativas aqui analisadas, de modo que o envolvimento de co-narradoras ativas no processo de construção da narrativa, mais que se constituir em ações típicas de narrativas conversacionais, apontou para as singularidades e particularidades dos dados.

Voltando, agora, a atenção para outra dimensão, a *historiabilidade*, o que se faz interessante iluminar é o fato de, não obstante os comprometimentos linguísticos apresentados pelas participantes desta pesquisa, elas, enquanto narradoras primárias ativamente engajadas na construção de seus relatos, de modo bastante habilidoso, valeram-se de uma gama de recursos avaliativos no desenho da *historiabilidade* de suas narrativas. O uso que as participantes fizeram de mecanismos internos e externos de avaliação fomentou o caráter historiável de suas narrativas, não obstante tal caráter já ter sido imposto pelo tópico das histórias (AVC, um acontecimento extraordinário), bem como pelas suas significâncias para o contexto de suas ocorrências (interações entre pessoas que sofreram AVC), o que corrobora a tese de que a historiabilidade não se limita àquilo que, com base em nosso conhecimento de mundo, reconhecemos como extraordinário, podendo estar parcialmente relacionada à organização do narrador, ou seja, às habilidades retóricas por ele utilizadas (cf. Oliveira e Bastos, 2002), como será melhor elucidado nas linhas seguintes.

Embora as narradoras primárias (pessoas com afasia) tenham utilizado os mesmos dispositivos de avaliação, cada uma fez um desenho singular de sua experiência no *aqui e agora* da narração, ou seja, cada uma escolheu fazer um recorte singular da realidade, construir sua experiência diante dos olhos do outro de modo peculiar. Portanto, como bem nos adverte Bastos (1999), o uso de estratégias discursivas deve ser analisado e interpretado situacionalmente (cf. Bastos, 1999). Se o modo que uma narradora escolheu sustentar a *historiabilidade* de sua narrativa influenciou no modo que as outras escolheram contar as suas é

algo que só podemos (mas, podemos) inferir. Podemos fazer tal inferência porque, como veremos mais adiante, os dramas construídos por todas as participantes, que, por sua vez, configuram suas histórias como narrativas altamente historiáveis que escapam à ordinariedade do cotidiano, apresentam estrita relação, visto que trazem para a cena da narração algum tipo de negligência cometido com as narradoras no episódio de AVC. É interessante observar que elas escolheram falar da negligência, e não da afasia (motivo pelo qual estavam todas ali reunidas naquele primeiro encontro do grupo), o que nos permite afirmar que a afasia enquanto estigma (nos termos goffmanianos) é uma construção social (cf, Oliveira, 2011).

Quando investigamos a dimensão *encaixe* nos dados desta pesquisa, observamos, novamente, a habilidade de pessoas com afasia ao lidar com o turno a turno das construções narrativas. Novamente nessa dimensão é possível verificar a colaboração do outro por meio de ações que entrecortam a narração, co-construindo as narrativas. Levando-se em conta que o encaixe da narração em uma atividade discursiva em andamento é uma ação negociada (cf. Sacks, [1968] 1992; Garcez, 2001; Norrick, 2007), nas análises aqui empreendidas, identificamos que tal negociação foi iniciada pela pesquisadora/ moderadora, na forma de convites à narração. Isso, por um lado, distancia as narrativas desta pesquisa de narrativas conversacionais (que emergem espontaneamente no curso de conversas, não sendo eliciadas, já que não é uma prática usual interromper uma conversa para pedir ao outro para contar uma história), e por outro, as aproxima de narrativas geradas em situações de entrevista.

No entanto, no turno a turno da construção das histórias, elas (as histórias) vão se configurando como narrativas conversacionais, encaixando-se na atividade discursiva em curso, que exhibe o formato de conversas, por apresentar uma sistemática para tomada de turno semelhante à dessa atividade inter-acional. A respeito do *encaixe*, o que distancia as narrativas desta pesquisa daquelas geradas em situações de entrevista é o inter cruzamento da narração com ações (que partem do outro) típicas do contexto conversacional, como, por exemplo, as perguntas e as clarificações (cf. Ochs e Capps, 2001), e todas as outras ações das co-narradoras. Desse modo, as narrativas desta pesquisa vão sendo encaixadas em contextos locais, e suas formas e funções vão sendo desenvolvidas com base em (e refletindo) esses contextos (cf, Norrick, 2007).

Torna-se indispensável a esta pesquisa destacar, conforme exibido na coluna II do quadro que iniciou essas discussões, que há também nos dados a presença de uma narrativa relativamente encaixada (a história de Tereza), que assume o formato aproximado de um bloco de fala, e que, por um lado, não pode ser considerada totalmente encaixada na atividade circundante porque apenas duas ações conversacionais (da parte do outro) penetram na narração, dissolvendo o caráter ininterrupto do relato e afetando seu formato, e porque o relato ocupa turnos extensos (dois longos turnos). Mas, por outro lado, não cabe ser tratada como isolada por conta desses breves revezamentos de turnos e, sobretudo, porque ela mantém estrita relação com a conversa que a antecede e com a conversa que a sucede, que, por sua vez, foi por ela desencadeada. Diferentemente, as histórias de Laura e Carla, embora também sejam tematicamente relevantes ao tópico sob discussão, são contadas em turnos de extensões similares aos turnos das conversas que as antecedem, inter cruzam e sucedem, bem como possuem formatos retóricos que assumem as características da atividade discursiva circundante.

Assumir que uma narrativa desta pesquisa se assemelha a narrativas geradas em entrevista e duas se assemelham a narrativas conversacionais não implica em desconsiderar que grande parte das ações que penetraram as narrações, estruturando as narrativas, fez-se relevantes por conta das limitações linguísticas das participantes. Todavia, também foram encontradas nos dados ações conversacionais cujas ocorrências não se deveram à presença de enunciados que comportavam construções problemáticas. Além disso, o fato de o discurso de Tereza ser o menos problemático em termos de inteligibilidade, não pode ser a única justificativa para a escassez da intervenção do outro na narração, dado o limitado tempo que ela tinha para contar sua história, que pode ter feito com que Lívia, a co-narradora que mais interferiu nas narrações, não interviesse em sua narrativa, com ações conversacionais, atuando no desenho de uma narrativa mais encaixada e menos isolada.

As tão aqui referidas ações do outro no curso da narração, conforme foi observado, constituíram substrato para a análise de uma outra dimensão narrativa – a *linearidade*. Por meios das ações das co-narradoras outrora mencionadas, houve ora suspensão ora restauração da linearidade das três narrativas. O fluxo da narração dos episódios de AVC foi interrompido pelas co-narradoras, ao

realizarem ações que suspendiam a linearidade por interromper a sequência temporal. Porém, tal fluxo também foi restaurado por meio de ações que restauravam a linearidade que havia sido suspensa pelas ações das próprias narradoras primárias nos momentos em que o enredo carecia de coerência.

As próprias narradoras primárias também suspendiam a linearidade, ocasionando proclividades em suas narrativas, quando realizavam *flashbacks*, quando saíam do mundo da história e voltavam ao mundo real e quando incorreram na repetição de enunciados. Ademais, as próprias manifestações dos déficits linguísticos das participantes, como por exemplo, o prolongamento de vogais, também interferem nas proclividades das narrativas; no entanto, não é interesse desta pesquisa averiguar os déficits das participantes, como destacado anteriormente. O que nos interessa, acerca da dimensão linearidade, é elucidar que narradoras primárias e co-narradoras atuam conjuntamente na estruturação da linearidade das histórias analisadas, e que tais histórias variam desde não lineares (narrativas de Laura e Carla) a relativamente lineares (narrativa de Tereza), considerando os requisitos de Ochs e Capps (2001).

Por fim, resta-nos apresentar os resultados das investigações da última dimensão contemplada por Ochs e Capps (2001), a *postura moral*, que, por sua vez, muito nos informa sobre as construções identitárias no curso da narração. Acerca, então, da *postura moral* das narradoras ao longo da narrativa, observamos que esta foi, em todas as histórias, determinada e constante, o que aproxima as narrativas analisadas nesta pesquisa de narrativas geradas em situações de entrevista.

Ao investigarmos como as participantes se posicionavam e como posicionavam o outro através de suas narrativas, tivemos acesso às identidades construídas para elas e para o outro; identidades estas que foram sustentadas do início ao fim da narrativa. Nesse sentido, as narrativas consistiram no cenário de envolventes *performances*, onde, fazendo uso de todo um instrumental performático (expressões dadas e expressões emitidas, nos termos goffmanianos, e meios expressivos empregados nas *performances*, nos termos de Bauman), conforme já comentado, as participantes construíram imagens de si e do outro (cf. Goffman, [1959] 2008). Como já era de se esperar, ao expressarem a imagem de si, as participantes se apresentaram sob uma luz favorável, o que é sustentado pelo princípio da “boa aparência” (cf. Ochs, Taylor e Smith, 1978), já que, conforme

alega Goffman ([1959] 2008), é possível (e permitido) manipular a impressão que o outro terá por meio das expressões emitidas, projetando uma imagem que condiz com aquela projetada via expressões dadas.

Acerca daquelas que podemos considerar serem as escolhas identitárias das participantes, uma vez que, a estruturação das histórias, seu conteúdo e o comportamento dos narradores ao contar as histórias são todos índices sensitivos de identidades sociais e culturais (cf. Schiffrin, 1996), encontramos as seguintes ocorrência: Laura focando em transgressões do outro de valores morais, construindo uma imagem negativa do outro e se posicionando como inconformada, vítima de injustiça e sofredora; Carla se apresentando sob uma luz favorável, ao mostrar conformismo e compreensão perante um possível equívoco de diagnóstico, assumindo uma postura moral positiva; e Tereza se posicionando, assim como Laura, como vítima de injustiça e sofredora, embora conformada. Nessa discussão, cabe recordar que as histórias de vida contêm pressuposições sobre o que pode ser tomado como certo ou errado, sobre quais são as normas e sistemas de crenças nos diferentes grupos sociais (cf. Bastos, 1999).

Carla e Tereza, diferentemente de Laura, não focaram seus relatos no outro; todavia, suas construções foram índices de uma imagem negativa do outro, no caso, do médico; afinal, devemos ter em conta que os seres humanos se julgam e julgam os outros em relação a padrões de boas maneiras, e, enquanto entendimentos morais, tais padrões são transmitidos através de narrativas. Nesse sentido, narrativas cotidianas de experiência pessoal codificam e perpetuam, de modo elaborado, visões morais de mundo (cf. Ochs e Capps, 2001), conforme pudemos ver revelado em todas as três narrativas analisadas. Cabe, ainda, considerar que as pessoas recontam narrativas pessoais para instanciar um ponto de vista moral, de modo que recontar uma violação e tomar uma postura moral em relação a ela provê um foro discursivo para os seres humanos esclarecer, reforçar ou revisar o que eles acreditam ou valorizam (cf. Ochs e Capps, 2001).

Sumarizando a análise das dimensões narrativa, temos que as narrativas aqui analisadas se assemelham a narrativas conversacionais no que concerne às dimensões narrador, capacidade de encaixe e linearidade, e se assemelham a narrativas geradas em situação de entrevista em relação à historiabilidade e à postura moral. Tais configurações nos possibilitaram trazer à luz narrativas híbridas, ou seja, que apresentam características de ambos os tipos de narrativas

com base nos quais Ochs e Capps apresentaram sua proposta de dimensões narrativa. É devido a tal caráter híbrido que sugerimos alocar as narrativas aqui investigadas em uma posição intermediária do *continuum* das autoras.

Por fim, a partir dos resultados aqui apresentados e discutidos, advogamos que a fala afásica, com suas limitações linguísticas, impostas por um comprometimento da linguagem decorrente de lesão cerebral adquirida, não impossibilitou as participantes desta pesquisa de atuarem como narradoras e se engajarem ativamente em construções discursivas (de sentido, princípios, valores, posturas, identidades etc.) no curso da narração, e que a colaboração do outro enquanto co-narrador foi extremamente significativa para as construções alcançadas, para o sucesso da comunicação. Nesse sentido, atribuir co-autoria à audiência consiste em reconhecer a necessidade de uma parceria para sustentação de uma interação (Duranti, 1986). Não obstante a presença da fala afásica, então, as participantes, de modo habilidoso, contaram suas histórias em conjunto com o outro, de um modo retoricamente efetivo, encaixando sua narrativa na atividade discursiva circundante, com início, meio e fim coerentes e progressivos e uma postura moral consistente. Ademais, no curso da narração, as participantes demonstraram conhecimento das normas sociais de uso da linguagem no contexto interacional em questão e de princípios e valores culturais que se impuseram às construções discursivas, guiando-as e estruturando-as.

8.2

Contribuições desta pesquisa

Considerando que, devido à interface abraçada por esta pesquisa, foi possível contemplar interesses tanto dos estudos da linguagem como da fonoaudiologia, nesta seção, será apresentado ao leitor as contribuições que este o estudo, desenvolvido ao longo de quatro anos, gerou para ambos os campos.

No que concerne aos interesses do campo dos estudos da linguagem, esta pesquisa pôde contribuir para o entendimento de como o sentido emerge em narrativas, por eleger categorias analíticas que possibilitam um olhar minucioso para o *aqui e agora* da narração, fazendo relevante a visão de narrativa como prática social. Levando em conta que nesse mesmo contexto em que os sentidos

são construídos, a realidade social também é construída, ao investigar as estratégias performáticas das participantes, foi possível observar como, na narrativa, emergem identidades e visões morais do mundo, corroborando a tese de que a linguagem não reflete a realidade, mas sim ajuda a criá-la.

As categorias eleitas para a análise também incluíam as ações do outro nas investigações, o que possibilitou realçar o caráter cooperativo da construção narrativa, iluminando a significância desse outro, além de reforçar a tese de que o sentido é construído conjuntamente, não se tratando de uma construção individual e muito menos de algo dado *a priori*. Ainda a esse respeito, ao colocar em evidência nuances dos processos de negociação operantes no curso da narração, foi possível observar como o narrador primário depende do outro (dos co-narradores) para encaixar sua narrativa na atividade em curso. Esta pesquisa não só assumiu uma abordagem interacional, mas, sobretudo, colocou em prática uma análise interacional, investigando não apenas os enunciados do narrador, mas também, investigando os enunciados do interlocutor (co-narrador) de modo pormenorizado. Um olhar atento para as ações dos interlocutores também permitiu compreender como a historiabilidade e a linearidade de uma narrativa são moldadas no turno a turno da narração, realçando que a historiabilidade não se trata de algo determinado exclusivamente com base no caráter extraordinário do evento a ser narrado, e a linearidade não se trata de uma construção exclusiva do narrador primário.

No que diz respeito ao arranjo interacional da situação no curso da qual as narrativas foram construídas, por um lado, embora as histórias analisadas não cumpram os critérios de segundas histórias (i.e. ser uma resposta à primeira história; emergir espontaneamente; consistir em uma lembrança desencadeada por algum elemento presente na primeira história), ficou claro que as construções discursivas de uma história pode influenciar as construções discursivas das histórias seguintes, quando essas histórias são contadas em um grupo e em uma mesma situação interacional, constituindo um *round* narrativo. Ou seja, o que o narrador de uma história escolhe contar, tornando significativa em sua narrativa, pode influenciar o que os narradores das histórias seguintes escolhem contar, tornar significativa. Por outro lado, esta pesquisa trouxe à luz um contexto narrativo híbrido, isto é, uma mesma situação interacional, onde ocorre uma mesma atividade discursiva (em que opera uma sistemática de troca de turnos

semelhante à de conversas face à face) e onde as histórias assumem diferentes arranjos interacionais. É recuperada dos trabalhos de Ochs e Capps (2001) e Norrick (2007) a tese de que a atividade discursiva em curso exerce influência no formato da narrativa, isto é, no modo em que a narrativa se estrutura. Sem negar, de modo algum, essa tese, essa pesquisa vem mostrar que se a atividade discursiva que circunda a narração vai ou não influenciar o formato da história, trata-se de uma decisão dos participantes da interação, logo, dos narradores primários e co-narradores. Como revelado nos dados, no curso de uma mesma atividade discursiva, duas histórias assumiram o formato da atividade discursiva circundante, mas uma história não assumiu, o que nos leva a propor que até mesmo essa estruturação é uma decisão inter-acional, e não uma determinação *a priori* imposta por regras do contexto local, sendo, portanto, uma negociação de alinhamentos entre os participantes, que ratificam ou não a operacionalidade das regras da atividade discursiva na história.

Em relação às contribuições desta pesquisa para a Fonoaudiologia, a opção por buscar compreender o que pessoas com afasia conseguem fazer com (e através) da linguagem, ao invés de investigar os déficits por elas apresentados (i.e. aquilo que elas não conseguem fazer por meio da linguagem), acaba por clamar aos estudiosos das afasias, sobretudo aos profissionais da área da saúde, a desviar um pouco o foco de interesse da patologia para a pessoa que a apresenta, voltando o olhar para seu discurso, para suas construções discursivas via uso da linguagem.

Tendo a narrativa de pessoas com afasia como material linguístico para análise, um olhar restrito para as manifestações linguísticas do déficit na fala dessas pessoas poderia levar o pesquisador a afirmar que pessoas com afasia, com manifestações linguísticas semelhantes às das participantes desta pesquisa, são impossibilitadas de narrar. Todavia, ao ampliarmos nosso olhar para além do estritamente linguístico, convocando categorias interacionais nas análises e assumindo que narrar é bem mais que ordenar temporal e causalmente enunciados, é construir identidades e a realidade que nos cerca, advogamos que pessoas com afasia podem ser capazes de se engajar, de modo extremamente habilidoso, na construção conjunta de narrativas em situações interacionais, construindo sentidos, experiências, bem como a imagem de si e do outro.

Ademais, a partir da investigação da *performance* das participantes desta pesquisa na construção de suas narrativas, podemos defender que um

comprometimento na estrutura da língua não implica em uma incapacidade de reconhecer as normas sociais de uso da linguagem no contexto interacional em questão, nem mesmo os princípios e valores culturais que se impõem às construções discursivas. De modo muito habilidoso, as participantes fizeram uso dos mesmos recursos performático comumente utilizado na criação de dramas e no envolvimento do interlocutor por narradores que não apresentam nenhum comprometimento linguístico, demonstrando suas habilidades retóricas. No que diz respeito, por exemplo, ao discurso reportado direto e aos gestos enquanto dispositivos que fazem parte desse instrumental performático, torna-se relevante destacar que eles podem ter funcionado como estratégias desenvolvidas pelas participantes para lidar com suas dificuldades linguísticas (estratégias de adaptação à lesão), todavia, não obstante isso, é notável suas influências na estruturação da narrativa, e na criação de dramas e envolvimento.

Ao recorrerem ao discurso reportado direto e aos gestos em muitos momentos da construção das narrativas, as participantes demonstraram habilidades de fazer uso de recursos alternativos para construção do sentido, bem como a escolha adequada dos recursos, visto que a intersubjetividade foi sustentada. Com base nisso, cabe ao fonoaudiólogo sempre se questionar até que ponto a inibição de uma estratégia adaptativa se faz necessária, já que o discurso (verbal e não-verbal) de pessoas com afasia pode revelar estratégias adaptativas altamente produtivas, que geram benefícios interacionais e as possibilitam se engajar em construções discursivas que de outro modo não seriam alcançadas.

Uma análise discursiva como esta que foi realizada nesta pesquisa muito nos diz acerca da linguagem de pessoas com afasia, o que provê o fonoaudiólogo com um aparato para intervir em casos de afasia, já que, nesse cenário, cabe ao fonoaudiólogo assumir o papel de mediador do processo de (re)construção da linguagem. E, enquanto mediador de tal processo, o fonoaudiólogo necessita conhecer a linguagem do paciente, pois é na linguagem (em uso) que ele vai intervir por meio de estratégias terapêuticas. Assim considerando, não há como negligenciar que a melhor forma de se conhecer a linguagem é através de seu uso, uma vez que somente nessa condição o indivíduo pode i) alcançar uma espontaneidade em suas produções discursivas, bem como ii) contextualizar seu discurso. No contexto do uso da linguagem, então, as ações do fonoaudiólogo enquanto mediador do processo de (re)construção da linguagem ganham sentido,

o que justificaria um posicionamento que fala a favor de uma perspectiva pragmático-discursiva de entendimento da linguagem, que, por sua vez, concebe a linguagem como ação/práxis, buscando compreender a linguagem a partir de seu uso, por um sujeito ativo (social, histórico e cultural), em situações interacionais. Essa é a postura daqueles que entendem o processo de (re)construção da linguagem como partindo do social para o individual, com a qual esta pesquisa pretende contribuir.

Levando-se, então, em conta a relevância de aspectos sociais no processo de reconstrução da linguagem, os resultados desta pesquisa sugerem que o contexto de interações em grupo pode trazer oportunidades reais para uma reconstrução da linguagem de caráter inter-acional, ou seja, que conta com a colaboração do outro. E, nesse sentido, disponibilizar um espaço para os afásicos contarem suas histórias pode ser encarado como uma valiosa estratégia da parte dos fonoaudiólogos em terapias em grupo. Para tanto, deve-se ter em conta que, durante a narração, não se está abrindo espaço apenas para as produções linguísticas de uma única pessoa (o narrador), visto que narrativas são construções de múltiplos narradores (narrador primário e co-narradores), ao invés de uma construção de um único narrador. Assim considerando, pessoas com afasia em interações em grupo, ao se engajarem em narrações e co-narrações, estão atuando na reconstrução da sua própria linguagem, bem como da linguagem do outro, de modo que essa estratégia traz benefícios a todos que estão envolvidos na interação.